



10. Formas de Tratamento e Relações de Poder

Ana Lucia Golob Machado¹

A questão do poder está presente em muitas interações sociais, em graus diversos, a depender da cultura analisada. O poder deixa marcas na língua e, mais perceptivelmente, nos pronomes de tratamento, pois seu uso depende de fatores determinantes, como as relações de poder e o grau de familiaridade e formalidade, como discutido por Brown e Gilman (2003). As formas de tratamento, com uso similar ao dos pronomes, também possuem a propriedade de distinção de grupos através de marcas de poder, como identificado por Biderman (1972/1973). Este artigo visa a analisar as formas de tratamento utilizadas por alunos do ensino médio do Colégio de Aplicação, em São Cristóvão/SE, com relação à construção e manutenção do poder em grupos.

Palavras-chave: formas de tratamento, poder, distinção de grupos.

The issue of power is present in many social interactions, to varying degrees, depending on the culture studied. The power leaves its marks on language, more noticeably in the pronouns of treatment, for his use depends on factors such as power relations and familiarity and formality degrees, as discussed by Brown and Gilman (2003). Treatment forms, with similar use of the pronouns, also have the property of group distinction by revealing marks of power, as realized by Biderman (1972/1973). This article aims to analyze the treatment forms used by high school students of the Colégio de Aplicação, in São Crsitóvão/SE, with respect to construction and maintenance of power in groups.

Keywords: treatment forms, power, group distinction.

Introdução

As relações de poder são mais claramente identificadas, na língua, através do uso dos pronomes e formas de tratamento. Sua aplicação depende da percepção social do poder, aliada ao contato interacional. A percepção social resume-se pela visão conjunta da sociedade sobre



o grau de poder que determinado papel social possui, que é dependente, por sua vez, dos partícipes de uma interação comunicativa, pois, como afirmam diversos autores, o poder deve ser examinado a partir do contato entre as pessoas, já que a determinação de seu grau depende sempre de um parâmetro.

Este artigo parte da idéia central do estudo de Brown e Gilman^{II} de que as relações solidárias têm se intensificado no mundo, o que leva ao aumento do uso de T (tu) ao invés de V (vos). Seu estudo deu origem a diversos outros, todos constatando a mesma conclusão. Porém, enquanto se conclui o aumento das relações solidárias, percebe-se, nos mesmos estudos, que a questão da distinção entre grupos sempre foi relevante na escolha dos pronomes a serem utilizados.

Tem-se, portanto, uma dupla propriedade no uso dos pronomes e, neste caso, de formas de tratamento: por um lado, a solidariedade e, por outro, a distinção. Este artigo visa a analisar as formas de tratamento utilizadas por alunos do ensino médio do Colégio de Aplicação, em São Cristóvão/SE e sua correlação com as questões do poder, como o caso da distinção entre grupos, e da solidariedade.

Três grupos de alunos foram entrevistados na referida escola, matriculados no 3º Ano B. É interessante observar que os nomes dados pelos alunos aos seus próprios grupos nem sempre coincidem com o nome dado pelos outros alunos. Os grupos se autodenominaram: 1) Alternativos, 2) RAAMMP, 3) Populares. É nítido o uso de formas de tratamento entre os grupos, que marcam a distinção indicativa de poder ou as relações solidárias dentro dos grupos.

As relações de poder e as marcas de solidariedade aparecem também na relação aluno-professor. O que poderia ser indicado, primeiramente, como falta de respeito comum às novas gerações nas escolas brasileiras, numa segunda vista pode indicar solidariedade entre alunos e professores, como será abordado adiante.

Pretende-se, portanto, a partir do corpus utilizado neste artigo, identificar e analisar as formas de tratamento, com relação aos seus aspectos referentes ao poder e à distinção de grupos, além das marcas que indicam solidariedade/familiaridade dentro e fora dos grupos. Outro ponto a



ser abordado é o uso das formas de tratamento pelos alunos para com os professores e as relações que se constroem a partir dessa utilização.

O uso dos pronomes T e V

Brown e Gilman^{III} consideram que a semântica dos pronomes de tratamento sustenta-se no tipo de relação que se mantém entre o falante e o interlocutor. Sendo assim, o pronome de tratamento a ser utilizado depende da estrutura social e da ideologia de grupo. O uso de um pronome de tratamento indica tanto a proveniência de classe social do falante quanto suas idéias políticas. Para que a compreensão seja facilitada, Brown e Gilman^{IV} fixam T e V para indicar os pronomes de tratamento em Latim tu e vos, que são encontrados em outras línguas com formas diferentes: italiano tu e voi/lei, francês tu e vous, espanhol tu e vos, depois usted, alemão du e Ihr, que em seguida tornou-se er e depois Sie, inglês thou e ye, que depois mudou para you.

Brown e Gilman^V consideram a semântica do poder como não-recíproca: por esse viés, alguém que detém mais poder diz T e recebe V. Esse poder pode ser em relação a características físicas, papel exercido na sociedade ou na família, entre outros. Isso supõe que cada indivíduo possui um grau de poder próprio na sociedade. Porém, neste ponto, é preciso especificar dois usos diferentes de V singular. O primeiro é chamado não-recíproco e depende de relações de poder assimétricas; já o segundo uso é chamado recíproco, pois não depende do grau de poder exercido pelos falantes, e suas relações são simétricas. No uso não-recíproco, o detentor de maior poder recebe V e diz T; mas em uma relação recíproca, que é uma relação de solidariedade, ou se diz V ou se diz T mutuamente, sendo que o uso de T é maior quando o grau de solidariedade aumenta, o que é a tendência atual. Para tal, levam-se em consideração as similaridades de comportamento entre os falantes, como, por exemplo, família, religião, profissão, sexo e local de nascença.

Uma explicação para essa tendência de solidariedade, ainda de acordo com Brown e Gilman,^{VI} é a mobilidade social e a ideologia igualitária, ao contrário do que ocorre nas sociedades estruturadas estaticamente, em que as pessoas têm um lugar social previamente demarcado. A preferência do uso recíproco de T indica a reação contra o pronome V, que historicamente está ligado às classes dominantes e, assim, foi preterido em função de T, no período da Revolução.

Pronomes e distinção social

Sobre os pronomes e sua relação com a distinção de grupos, Biderman^{VII} indica que o uso do título de Dom, no início da monarquia Lusitana e Castelhana, restringia-se ao rei e aos seus filhos legítimos. No século XII, os cronistas passaram a usar Dom para referir-se aos ricos-homens e senhores feudais. No século XIII, generalizou-se ainda mais o seu uso e, com o passar do tempo, a nobreza se ampliou ainda mais e os privilégios desgastaram-se. Consequentemente, Dom passou a indicar apenas uma forma elegante de tratar um fidalgo. No século XVIII, Dom não distinguia mais apenas os nobres, mas, junto a Dona, servia de tratamento a indivíduos de quase todas as classes sociais. No momento em que o título de Dom passou a ser usado pela nobreza, a monarquia passou a utilizar outros títulos para que ocorresse a diferenciação das classes, o que culmina na idéia central da citada autora: “Toda sociedade diferenciada em classes (sic), insiste em cultivar uma etiqueta que individualize a elite da massa”.^{VIII} Caso semelhante ocorreu com o uso de vos, na Espanha dos séculos XVI e XVII, que passa a ser um tratamento dado a um inferior ou a um amigo íntimo.^{IX} Assim, há a necessidade de uma nova forma indicativa de respeito, possibilitando o uso de “vuestra merced”, surgida no século anterior. No século XVII, o uso dessa forma gera mudanças fonéticas, que resultam na forma atual “usted”.^X

O uso disseminado de vos fez com que a nobreza passasse a utilizar um novo termo distintivo. A tripartição tu, vos e usted veio para a América Latina, que foi colonizada pela classe baixa da Península Ibérica. Ainda segundo Biderman,^{XI} as relações sociais na América Latina repetiram os esquemas presentes nas sociedades européias.

Para Biderman^{XII}, no Brasil contemporâneo, há apenas dois pronomes de tratamento: você, familiar, e o senhor, formal, que correspondem ao T e V de Brown e Gilman. “No Brasil ocorreu a substituição do tu por você, como forma de tratamento familiar e íntima, fato que se deve ter processado na virada do século XIX para o XX”.^{XIII} No caso do tratamento o senhor e a senhora, usado para um superior íntimo, como no caso dos pais, está perdendo sua força principalmente nas zonas mais urbanizadas e com a geração jovem, que trata os pais por você. Biderman^{XIV} acredita que, no Brasil, também está ocorrendo “(...) a extensão da semântica da solidariedade em detrimento da semântica do poder”.



Formas de tratamento e relações de poder

Analisaremos as formas de tratamento utilizadas por três grupos de alunos do 3º Ano B, do Colégio de Aplicação (CODAP): 1) “os alternativos”, 2) “RAAMMP” e 3) “os populares”. Os alternativos acreditam que seu grupo formou-se devido a uma convergência de valores entre seus membros, além de gostos culturais parecidos. A maior parte faz ou já fez parte do Grêmio da escola e sempre saem juntos para ir ao Coverama, um evento de adolescentes muito conhecido em Aracaju, no qual as bandas de rock fazem cover de bandas famosas. Os integrantes desse grupo são: D. (menino) “cabeção”, R. (menina) “gorda, vaca, balão”, L. (menino) “preto, saci”, L. (menino) sem apelido. É importante frisar que apelidos bastante ofensivos só são aceitos por indivíduos que fazem parte do mesmo grupo, que os aceitam sem se sentirem ofendidos, o que não ocorre quando o apelido ofensivo é proferido por indivíduos de outro grupo; neste caso, o aluno sente-se agredido.

Os alternativos denominam o grupo 3 de “populares”, “micareteiros” ou “babacas”, considerados imaturos, e indicam que esse grupo subdivide-se em “populares” e “puxa-sacos dos populares”. Eles também indicam que não gostam do grupo dos populares; no entanto, afirmam que quando os alunos do grupo dos populares estão separados momentaneamente, são muito simpáticos e totalmente diferentes de quando estão junto ao grupo.

O grupo 1 também indica que há, no ensino médio, o grupo dos CDFs, nerds e geeks. Os CDFs estudam muito e são “legais”, os nerds estudam muito e os geeks gostam de assuntos relacionados a computadores.

Outro grupo identificado por eles é o grupo 2, “sexteto destilado”, “pessoal do álcool” ou “alcoólicas”, grupo formado apenas por meninas, consideradas fáceis pelo grupo 1. Segundo os alunos desse grupo, todos os estudantes do ensino médio bebem bebidas alcoólicas, mas o grupo tem essa alcunha por que já ocorreu um incidente com ele na escola, envolvendo bebidas, momento em que os pais das alunas tiveram que ser chamados pela direção da escola.

Os alternativos indicam apelidos usados por eles com relação a alunos de outros grupos. Alguns apelidos são proferidos diretamente quando há maior intimidade com os alunos; outros, no entanto, quando muito ofensivos e quando não há muita amizade, são usados



dentro do grupo 1 para se referir aos alunos dos outros grupos. São eles: R. (menino) “baitchola”, M. (menina) “judia vadia”, J. (menina) “(início do nome) + ão”, A. (menina) “gordinha”, P. (menina) “safada”, A. (menina) “capivara”, F. (menino) “cabeça” ou “capacete”, E. (menina) “Rasputcha” ou “Preciosa”, N. (menina) “Natalanza”, alunos do 5º e 6º Ano “sorteado” ou “povo do sorteio”.

Em geral, os apelidos são dados por conta dos aspectos físicos, do comportamento diferenciado, do comportamento sexual ou da orientação sexual. Quanto aos aspectos físicos, encontram-se “gordinha”, “cabeça”, “capacete”, “Rasputcha” (personagem de filme) e “preciosa” (personagem de filme). Quanto ao comportamento fora do comum: “judia vadia” (por conta da religião, que rima com “vadia”) e “capivara” (age como uma “anta”, segundo o grupo 1), “Natalanza” (trocadilho com o nome de um músico da banda Restart chamado Pelanza, do qual a aluna é fã) e “sorteado” ou “povo do sorteio” (são alunos do 5º e 6º Ano que se matricularam na escola através de sistema de sorteio recentemente implantado na escola). Quanto ao comportamento sexual: “safada” e quanto à orientação sexual, real ou imaginária, “baitchola” ou o início do nome da menina + ão, como, por exemplo, se a menina chamar-se Alice, tem-se Alição.

Os alternativos também apelidam os professores e estagiários da escola, seguindo os mesmos critérios: O. (professora) “Obeise”, E. (professora) não possui apelido, C. (professora) “C. do arrocha”, G. (professora) “Gilma”, “escrava” ou “Sr. Pôpo”, secretária da escola “criança aprendiz”, M. (funcionária da portaria) “aquele que não deve ser denominado” ou qualquer outro nome que indique algo ruim, D. (professora) “Demonilza”, M. (professora) “Bundiane”, “bunbuda” ou “glúteos”, L. (professora) “cara de sexo”, N. (diretor) sem apelido, A. (vice-diretora) sem apelido, S. (professor) “Michelangelo” e A. (professor) “Australopithecus” M. G. (professor) “Maria Georgete” e P. “Pedroca”

Quanto aos aspectos físicos: “Obeise”, “escrava” (cor da pele negra), “senhor Pôpo” (do desenho Dragon Ball Z, cor da pele negra), “criança aprendiz” (estatura muito baixa), “Bundiane”, “bunduda”, “glúteos”, “cara de sexo”, “Michelangelo” (personagem do desenho As tartarugas-ninja) e “Australopithecus”. Quanto ao comportamento, justifica-se, também, a falta de apelidos, como no caso da professora de matemática E., que é considerada mais séria pelos alunos, e o diretor que, apesar de não possuir apelidos, é referido pelos alunos, em sua ausência, por uma imitação teatralizada de um hábito seu. A vice-diretoa A.



não possui apelidos por também ter um comportamento considerado mais sério e sem intimidades para com os alunos. Já “aquele que não deve ser denominado” é um apelido que surgiu pela fala de um dos atores no filme Harry Potter para determinar, imagino, o Demônio, que também é o caso da professora D. “Demonilza”, trocadilho com o nome da professora e a palavra Demônio. Quanto à sexualidade: “Maria Georgete”.

O grupo 2, RAAMMP, indica que suas participantes convivem muito juntas, discutem a amizade que vai além da escola. Discutem sobre a vida pessoal, atualidades e são muito amigas. Seu grupo foi formado, segundo elas, porque todos os outros alunos da turma já faziam parte de outros grupos. No entanto, consideram que são como uma mistura de todos os outros grupos da sala, porque suas personalidades são distintas. As RAAMMP acreditam que na escola há o grupo dos “pops” ou “populares”, que “se acham” e se subdividem em “acoplados aos populares” e os que querem ser populares, mas não são. Os outros são os Nerds; os “come-quieto”, que não fazem diferença e os “alcoólatras” (grupo 1), que acham que suas opiniões são sempre as melhores e que gostam de sexo, drogas e rock n’ roll.

O nome RAAMMP surgiu por conta das iniciais dos nomes de suas participantes. Elas sabem que outros alunos as chamam de grupo das “revoltadas”, nome com o qual elas compactuam e, ainda “grupo das meninas”, que também é bem aceito pelo grupo. Elas também já ouviram falar que são chamadas de “alcoólicas” ou “alcoólatras”, identificações que elas desprezam, pois afirmam que todos do ensino médio bebem, não só elas.

O grupo não usa apelidos entre suas participantes, mas referem-se aos alunos do out-group através de apelidos criados por elas ou por outros alunos, usados de maneira generalizada. São eles: C. (menina) “Dilma”, aluno do 3º Ano “brocha”, aluna do 3º Ano “cabelo de vassoura”, aluna do 3º Ano “ou fala ou goza”. Elas também apelidam os professores e funcionários: orientador pedagógico “panelada”, S. (professor) “batatinha”, professora de Filosofia “então grave”, professor de Português “Fusca” ou “ô [bunita]”, E. (professora) “narigão”, A. (professor) “usa calça da mulher”, diretor “hã”, G. (professora) “hambúrguer”. Esse grupo costuma chamar, diretamente, “professor” ou “professora”; o uso do nome é apenas em situações específicas: 1) quando as alunas sentem-se chateadas com os professores em questão, 2) quando há amizade e intimidade entre o professor e o aluno e 3) quando o professor não se dá o devido respeito e “não tem moral”.



Quanto aos aspectos físicos, podem-se estabelecer os seguintes apelidos: “cabelo de vassoura”, “batatinha”, “narigão”, “hambúrguer”. Quanto ao comportamento: “Dilma” (a aluna perguntou em alto e bom som na classe “quem é Dilma?”), “ou fala ou goza” (a aluna fala com muita manha), “panelada” (o orientador fazia parte do movimento estudantil da UFS), “usa calça da mulher” (o professor usa calças muito apertadas), “então grave” (a professora afirmou algo e negou depois), “Fusca” (a professora veste-se mal), “ô [bunita]” (a professora chama as alunas assim), “hã” (o diretor repete sempre esse termo).

O grupo 3 intitula-se o grupo dos “populares” e também possui alunos do 2º Ano. Esse grupo acredita que sua característica principal é a comunicatividade de seus membros. Eles saem juntos, bebem, vão a muitas festas, aniversários e inclusive a festas no interior do estado. Gostam de ouvir arrocha universitário, pagode e forró. Os participantes do grupo são: D. (menina) “baleia”, “São Jorge”, A. (menino) “teco-teco das titias”, M. (menino) “sirigão”, D. (menino) “pênis”, W. (menino) “mamãe”, R. (menino) “chaminé”, A. (menino) “Andlé”, M. A. (menino) “gaúcho viado”, F. (menino) “motoqueiro fantasma” ou “rasga mãe”, T. (menino) “calango”, A. (menino) “Stich”, C. (menina) “Israel”, B. (menino) “São Paulo é longe”, K. (menino) “do balaio”, D. (menino) “manteiga derretida”, C. (menina) “Mila cabelo de verão”, V. P. (menino) “Estados Unidos”, “Marcela” ou “impressora HD”.

Os populares indicam que os outros grupos da escola são: “os oprimidos” (isolados); “alternativos”, “boiolinhas”, “total flex” ou “da maconha”; “patricinhas de Beverly Hills”; “alcoólatras safadinhas”; “os feios”; “os nerds”, que são inteligentes e populares; “CDFs” e “os malas”, que são os ingressantes por sorteio.

Os professores, por sua vez, são apelidados de: M. (professora) “Micheli fraldinha”, R. (professor) “che Raul”, diretor “Nemeeesio”, vice-diretora “cabelo de fogo”, E. (professora) “cavalo do cão” ou “aspirador”, C. (professora) “Cleane do arrocha”, J. (supervisora) “Plâncton”.

Quanto aos aspectos físicos, delimitam-se: “baleia”, “sirigão” (porque parece com um siri), “gaúcho viado” (porque é de Pelotas e é loiro e branco de olhos claros), “motoqueiro fantasma” ou “rasga mãe” (possui a cabeça grande), “calango” (parece um calango), “Stich” (personagem do filme Lilo e Stich), “os feios”, “cabelo de fogo” (tem os cabelos ruivos), “cavalo do cão” ou “aspirador” (possui o nariz grande), “Plâncton” (personagem do desenho



Bob esponja que tem a estatura muito baixa e é ridicularizado nos episódios por conta disso). Quanto à orientação sexual: “boiolinhas” e “total flex” (bissexuais). Quanto ao comportamento sexual: “teco-teco das titias” (saiu com uma mulher mais velha que ele), “alcoólatras safadinhas”. Quanto ao comportamento em geral: “São Jorge” (ficou com um menino muito feio, um dragão), “chaminé” (fumante), “Andlé” (tem dificuldades para pronunciar o “r”), “Israel” (morou em Israel), “São Paulo é longe” (costuma viajar para São Paulo), “manteiga derretida”, “oprimidos” (isolados), “alternativos” (possuem gostos alternativos), “da maconha”, “As patricinhas de Beverly Hills” (menção ao filme homônimo), “nerds”, “CDFs”, “os malas” (não têm respeito e fizeram o nível da escola cair), “Micheli fraldinha” (deixa a calcinha aparecer acima do cós da calça), “Che Raul” (menção a Che Guevara) e “Nemeesio” (é um hábito deixar a boca aberta).

Claramente os populares fazem um uso muito maior de formas de tratamento bastante diversificadas em comparação aos outros dois grupos analisados. Além disso, alguns participantes desse grupo chamam outros indivíduos de fora do grupo de apelidos pejorativos no tratamento direto. O grupo 3 participou da entrevista de maneira muito intensa, os alunos dispersavam-se a outros ambientes com facilidade e falavam quase todos ao mesmo, comportamento que já tinha sido alertado a mim pelos outros dois grupos anteriormente entrevistados. Outro ponto importante é que o aluno mais popular da escola é também considerado o mais rico e é o único tratado pelo nome e sobrenome quando qualquer outro aluno vai se referir a ele como 3ª pessoa. Alguns alunos do grupo dos populares foram candidatos ao Grêmio há uns dois anos, cuja eleição perderam para os alternativos. Quando perguntei a razão disso para o grupo das meninas, elas disseram que, mesmo tendo muita popularidade, o grupo dos populares está relacionado a idéias como irresponsabilidade, tentativas para chamar a atenção a qualquer custo, falta de respeito, entre outros.

O grupo dos populares afirma que chama os professores de “professor” ou “professora”, nunca pelo nome. O aluno mais popular, no entanto, apesar de negar, chama diretamente o diretor pelo nome e, inclusive a mim, quando na condição de professora da escola, chamava também pelo nome. Nenhum dos grupos observados afirma chamar os professores diretamente pelo nome ou por “você”, sempre por “senhor” ou “senhora”. Alguns, inclusive, são bolsistas em cursinhos de escolas particulares e confirmam que os alunos das particulares chamam os professores de “você” ou pelo nome, com o que nenhum dos três grupos concorda, por afirmarem que é uma tentativa de igualar alunos e professores.



A primeira impressão que tive sobre o fato citado no parágrafo anterior é que é um indicativo da perda de respeito da profissão de professor, o que pode ser percebido em outras formas pejorativas que já se encontram em escolas de periferia, como xingamentos explícitos dirigidos diretamente ao professor. Depois de analisar melhor, no entanto, compreendi que são situações bastante diversas. O que se está perdendo não é o respeito, no caso específico do CODAP, mas o poder da condição de professor. Formação sem qualificação, competência restringida por salas lotadas com alunos de diversos níveis de escolaridade em uma mesma classe, salários baixos e uma desvalorização da profissão percebida por toda a sociedade brasileira, fazem com que as marcas de poder assimétrico deixem de existir. Para o aluno de uma escola particular, cujos pais têm profissões muito mais valorizadas e que possui muito mais condições econômicas do que o professor, a marca de assimetria “senhor”/”senhora” está rapidamente deixando de existir.

Apesar de os apelidos pejorativos e ofensivos dados aos professores pelos alunos aparentarem ser uma marca linguística do desrespeito estudantil, as conclusões de Brown e Gilman aplicam-se aqui mais uma vez, pois os apelidos pejorativos de alunos e professores seguem exatamente a mesma tipologia: comportamento, orientação sexual, comportamento sexual e aspectos físicos. Seu uso fica restrito dentro dos grupos e muitos professores nunca sequer nem ouviram falar em seus apelidos. O que está ocorrendo, na verdade, é o aumento da solidariedade, que é recíproca e simétrica. Os alunos, por conta da desvalorização da profissão de professor, percebem-nos como um deles. Ressalta-se que os alunos afirmam gostar de praticamente todos os professores, apesar dos apelidos.

Entre os alunos, as formas de tratamento podem indicar solidariedade / familiaridade / simetria ou distinção / poder. Os apelidos mais ofensivos, como já dito, só são usados diretamente por alunos do mesmo grupo e são aceitos normalmente. No entanto, os nomes dos outros grupos e os apelidos para referir-se a alunos dos outros grupos são usados internamente, sempre com a intenção ofensiva. Os apelidos dos out-groups servem como desprezo e para menosprezar os outros. Criar identidades dessa maneira é tentar possuir mais poder interno contra outros grupos. Nenhum dos grupos entrevistados falou bem de outros grupos, apenas dos grupos dos quais alguns de seus participantes também faziam parte. Por exemplo, dois alunos amigos dos alternativos também fazem parte do grupo dos nerds e, assim, os alternativos falaram bem dos nerds. No mais, cada grupo criticava o outro e aproveitava para responder às minhas perguntas sobre apelidos para ridicularizar os outros



grupos. Isso não aconteceu com os professores, a não ser com dois ou três com os quais os alunos não se relacionam bem. É interessante observar que não é o grau ofensivo da forma de tratamento que informa o grau de amizade ou respeito entre os alunos, mas o contexto pragmático da enunciação exposto pela intenção do falante.

Outro ponto a ser observado é que apelidos e outras formas de tratamento sempre precisam de uma platéia. Numa interação com no máximo duas ou três pessoas, ocorre, no máximo, o uso de um diminutivo do nome ou um apelido de infância, mas ninguém chama um colega por um apelido como os inúmeros listados acima numa conversa qualquer. No entanto, quando quatro ou mais adolescentes se reúnem para conversar num pátio de escola, repleto de alunos de outros grupos, os apelidos são bastante explorados, assim como ocorre na sala de aula. Apelidos e formas de tratamento são proferidos aos gritos, para que todos ouçam. Formas como “meu irmão”, “meu filho”, “meu amigo”, “véio”, “vagal”, “doido”, “velho” e “meu” aparecem repetidamente e são muito marcadas pela entonação e pela altura da voz. No entanto, uma gravação com um trio de alunos, que não sabia da gravação num primeiro momento, e que estava isolado numa sala, conversando sobre assuntos da escola, não gravou nenhuma forma de tratamento ou apelido durante pouco mais de 20 minutos de gravação. Os apelidos e as outras formas de tratamento precisam de uma platéia, pois servem para a demarcação de identidade e, conseqüentemente, de poder individual e grupal. Os alunos participantes do mesmo grupo chamam-se pelos apelidos e, assim, avisam indiretamente a todos os outros que são do mesmo grupo. Fazer parte de um grupo dá poder ao indivíduo porque ele se sente mais seguro e pode se defender melhor. A união costuma ocorrer devido aos interesses em comum, assim como a semelhança entre o gosto cultural e a personalidade.

Além disso, também são levadas em consideração as práticas sociais exercidas pelos grupos. A questão do poder existe, então, no momento em que: 1) os grupos menosprezam uns aos outros, afirmando que suas práticas e interesses são melhores que os dos outros; 2) os grupos com maior poder influenciam os outros grupos com menor poder e costumam discutir com os professores para fazer com que seus pontos de vista sejam aceitos; 3) a sensação de poder é marcada linguisticamente com relação aos outros grupos, através do uso de apelidos que, aliados ao contexto da enunciação, ridicularizam ou indicam o menosprezo; 4) a perda de poder e o aumento da solidariedade são percebidos pelo tratamento indireto dos professores igual ao dos alunos.



Considerações Finais

As conclusões de Brown e Gilman^{XV} explicam os resultados desta pesquisa, que apresenta marcas linguísticas do aumento da solidariedade entre professores e alunos e, em contrapartida, da distinção entre os grupos de alunos. Assim como visto no estudo de Biderman,^{XVI} os grupos sociais preferem utilizar formas de tratamento distintivas e específicas. No caso do Colégio de Aplicação, fazer parte de um grupo significa aumentar o poder do indivíduo, que fica numa posição de maior segurança. Ao mesmo tempo, indica que um grupo com maior poder exercerá maior influência sobre os outros alunos, dentro e fora do seu grupo, o que significa conseguir copiar trabalhos, conseguir cola para as provas e, de maneira mais geral, disseminar suas opiniões quando necessário.

Notas

^I Mestranda do NPGL/UFS - CAPES/DS. Graduanda em Filosofia UFS. E-mail: luciagolob@yahoo.com.br. trabalho orientado pela Prof^a. Dr^a. Raquel Meister Ko. Freitag (NPGL/UFS)

^{II} BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUKER, G. Richard (eds.). Sociolinguistics: The essential readings. Oxford: Blackwell, 2003. p. 156-163.

^{III} Ibid., p. 156.

^{IV} Ibid., p. 157.

^V Ibid., p. 158-172.

^{VI} Ibid., p. 172-175.

^{VII} BIDERMAN, Maria Teresa. Formas de tratamento e estruturas sociais. Alfa, n. 18/19, 1972/1973, p. 343.

^{VIII} Ibid., p. 341.

^{IX} Ibid., p. 352-354.

^X Ibid., p. 354-356.

^{XI} Ibid., p. 350; 356.

^{XII} Ibid., p. 368.

^{XIII} Ibid., p. 364.

^{XIV} Ibid., p. 366.

^{XV} BROWN; GILMAN. Op. cit., p. 172-175.

^{XVI} BIDERMAN. Op. Cit., p. 339-381.

Referências Bibliográficas

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, Rodovia Marechal Rondon, s/nº, sala 06 do CECH-DHI, Bairro Jardim Rosa Elze, São Cristóvão – SE, CEP: 49.000-000, Fone: (79) 3043-6349.

E-mail: caderno@getempo.org



BIDERMAN, Maria Teresa. **Formas de tratamento e estruturas sociais**. Alfa, n.18/19, 1972/1973, p. 339-381.

BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUKER, G. Richard (eds.). **Sociolinguistics: The essencial readings**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 156-163.